

Estudos numismaticos

Casa da moeda em Beja — Exploração de minas de cobre e azougue — Cunhagem de ceitis no tempo de D. João III

Diz o nosso amigo e collega Dr. Teixeira de Aragão, na sua excellente *Descrição geral das moedas* (t. I, pag. 59), que no reinado de D. João III apenas tivera conhecimento de haverem funcionado as casas da moeda de Lisboa e Porto, e na Asia as de Cochim e Goa.

A paginas 63, escreve o seguinte periodo:

«Em algumas terras do reino existem ruas chamadas da *Moeda*. Attribuimos este facto á lei e regimento de fevereiro de 1642, que mandou carimbar as moedas de prata que tivessem o pêso, estabelecendo officinas: *na cidade do Porto, para a provincia de Entre-Douro-e-Minho; na de Miranda, para a de Trás-os-Montes; nas villas de Trancoso e Castello-Branco, para a da Beira; na cidade de Coimbra e villa de Thomar, para a da Extremadura; nas cidades de Evora e Beja, para o Alemtejo; e na cidade de Tavira, para o Algarve.*»

E em nota a este paragrapho observa:

«Em Beja existe, proximo da praça, uma *rua da Moeda*, chegando alguem a affirmar-nos, sem dizer o fundamento, haverem alli sido cunhados os *espadins de ouro* de D. João II, e que os exemplares d'esta moeda sem letra monetaria deviam ser attribuidos a esta officina.»

Dos trechos que acabamos de transcrever se deduz que o illustre numismatico não admitte a existencia de uma fabrica da moeda em Beja, a não ser accidentalmente e com um fim muito secundario, como o da carimbagem, e que no reinado de D. João III só se cunhara moeda, no continente, em Lisboa e no Porto. Ora nós encontrámos documentos, pelos quaes se prova que aquelle monarcha auctorisára em Beja a cunhagem de ceitis de cobre, facto e documentos até hoje ignorados dos que tem tratado da materia.

Ruy Lopes, do conselho de D. João III e vedor da casa real, tinha obtido licença para descobrir minas de azougue e cobre na cidade de Beja e seu termo, e, como a exploração d'estas minas lhe acarretaria grande despesa, el-rei lhe concedeu que elle, do cobre que tirasse, podesse mandar lavrar moeda de ceitis em uma casa que mandaria fazer de muros a dentro d'aquella cidade.

As condições eram as seguintes: que elle não pagaria, em sua vida, nenhum direito da moeda que lavrasse; que os officiaes empregados neste mistér seriam equiparados aos da casa da moeda de Lisboa; que a mercê seria só durante a vida de Ruy Lopes, e que,

por seu fallecimento, el-rei tomaria conta da casa, com todos os apparelhos, pagando tudo aos herdeiros pelo preço que valesse ao tempo da avaliação.

O respectivo diploma foi assignado em Evora a 8 de setembro de 1524. Dois dias depois era-lhe passada carta identica de privilegio para a exploração de uma mina de azougue na mesma localidade. O concessionario ficaria isento do pagamento de direitos reaes e por sua morte a propriedade da mina passaria para seus successores e herdeiros. Se ella produzisse tanto azougue que bastasse para o tracto da India e consumo do reino, ninguem mais poderia explorar mina identica sem consentimento do mesmo Ruy Lopes. Os que de alguma fórma contrariassem a concessão pagariam vinte cruzados de ouro, sendo metade para os captivos e outra metade para o concessionario.

Uma objecção se offerece e é se o privilegio concedido a Ruy Lopes chegaria a ter realidade. É de suppor que sim, attendendo á importancia da pessoa e á importancia da concessão. O védor da casa real não tentaria tão lucrativa empresa sem contar preliminarmente com os bons resultados d'ella. Em todo o caso, é um facto que convem seguir e estudar convenientemente, consultando os archivos locaes, que necessariamente devem fornecer alguns subsidios para resolver o problema. Beja, que já possui um museu archeologico de bastante valor, deve ter todo o empenho em verificar e confirmar se effectivamente se fabricou alli moeda.

Quem sabe se um exame mais profundo e comparativo dos ceitis de D. João III não nos viria indicar quaes foram aquelles que se cunharam na historica *Pax Julia*?

E, sendo assim, com quanto afan não procuraria o museu de Beja exhibir alguns d'esses exemplares!

Damos em seguida os documentos comprovativos:

«Dom Ioham &c. a quantos esta minha carta virem faço saber que Ruy Lopez, do meu conselho e veador de minha cassa, me disse que eu lhe tinha dado licença para descubrir em termo de minha cidade de Beya hũa mina dazougue e cobre, e por quanto no descubrimento da dita mina e tirar dos metaes dela avia de fazer muyta custa e despesa, me pedia que lhe dese licença que do dito cobre podese mandar laurar moeda de ceitis na dita cidade, em hũa cassa que pera yso ordenara, e fara a sua custa e despesa, e avendo eu respeito ao que o dito veador Ruy Lopez me asy dise e pidio e a muita despesa que ade fazer no que dito he, e aos muitos seruiços que delle tenho recebidos e ao diamte espero receber, e por niso lhe fazer graça e

merce, tenho por bem e me praz lhe dar licença pera que ele posa fazer na dita cidade de Beya, dos muros a demtro, hũa cassa em que aja hoficiaes ordenados, que laurem o dito cobre em ceitys, e esto do cobre que ele tirar ou mandar tirar da dita mina que asy descubrir, e em sua vida nã pagara do que asy laurar nenhum direito e tudo sera lyure e eysemtó, sem do que asy laurar pelos ditos officiaes pagar cousa algũa, e os officiaes que na dita casa ouverem de laurar, que seram aqueles que me parecer que abastaram pera lauramento do dito cobre, segundo a cantidade que for e da dita mina tirar, e as que lhe asy eles nom tiram os pryuilegios que sam dados aos moedeiros da moeda de Lixboa. E porem o notifyco asy ao corregedor desta comarqa e ao meu comtador, juiz e officiaes da dita cidade, e lhe mamdo que lhe deyxem ordenar ao dito Ruy Lopez a dita cassa pera lauramento da dita moeda de ceytys e lhes deyxem laurar do cobre que da dita mina tirar e lhe nom ponhom sobre yso duvyda nem ãbarguo algum, por que asy e minha merce. E por quanto esta merce, que ho dito Ruy Lopez faço, ade vsar dela em sua vida somente, prazme que per seu falcymto lhe mandar tomar a dita casa e aparelhos que teuer pera lauramento da dita moeda e lhe mãdarey pagar a seus erdeiros o que tudo valer ao tall tempo per avaliaçam que se diso fara. Dada em Evora a biij dias do mes de setembro. — Amdre Dias a fez — de mill b^e xxiiij. E eu Demiam Diaz o fiz escrever.»

(Torre do Tombo, Chanc. de D. João III, *Doações*, liv. 37, fol. 128 v.)

«Dom Joham &c. A quantos esta minha carta virem faço saber que Ruy Lopez, do meu conselho e veador de minha casa, me dise que em termo de minha cidade de Beya avya muytas minas, que elle a sua custa querya buscar hũa, de que podese tyrar azouge, de que se poderya seguir muyto proueyto em meu Reyno, pedimdo-me que pera iso lhe dese licemça, e avemdo eu respeito a ser nobrecimẽto do Reyno descobryremse as ditas mynas, e aver nelle os ditos metaes, e por nyso lhe fazer graça e merce, me praz lhe dar licemça, e de feito por esta lhe dou, pera que elle posa abryr na sua terra, ou em qualquer outra do termo da dita cidade, a sua custa, a dita myna dazouge, do qual elle em sua vida me nam pagara nenhuũ direito que se nella achar, e achamdo a dita myna em terra dereos pagara a seu dono o dano que se na dita terra fezer e semdo terra do comcelho nom pagara cousa algũa, saluo remdemdolhe algũa cousa, por que emtam se estimara a perda que por yso receber na dita reemda e lho pagara, a qual myna que asy descobrir por seu falecimento ficara a seus erdeiros e sobsesores pera sempre, pera se della aproueitarem

como de cousa sua, por se asy descobryr a sua custa e despesa, e asy me praz que, descobryndo elle a dita myna e avemdo nella tanto azouge que abaste pera o trato da Imdia e despesa do Reyno, que se nam posa abryr outra nenhũa do dito azouge sem licemça do dito Ruy Lopez e de seus herdeiros, nem eu nem os Reys destes Reynos que despois pellos tempos forem e poderam mandar abryr nem dar licença a nenhũa pessoa que abra, e esto em quãto na sua mina ouuer o dito azouge em abastança. Notefico asy aos juizes e officiaes da dita cidade e ao comptador della, e lhe mãdo que lhe nom ponham duuida nem embargo no abrimẽto da dita myna, amtes lhe dem e façam dar pera yso toda ajuda e fauor que lhe comprir e lhe dem homẽs, bestas, carros, carretas, e toda outra cousa que lhe comprir pera maneo e seruico da dita myna, todo por seus dinheiros pello estado da terra, porque eu o ey asy por bem e meu seruico, sob pena de qual quer que ho asy nom comprir pagara vinte cruzados douro, ametade pera os catiuos e a outra pera elle dito Ruy Lopez. E esta carta sera registada no liuro dos comtos da dita cidade pera se saber como lhe asy tenho feita esta merce. Dada em Evora a x dias de setembro. Amdre Diaz a fez de mill b^e xxiiij.»

(Torre do Tombo, Chanc. de D. João III, *Doações*, liv. 37, fol. 128 v.)

O Bejense, de 29 de Fevereiro, subministra-nos alguns esclarecimentos curiosos sobre o assumpto, collidos nos archivos locaes, e que nos parecem demonstrativos de que effectivamente se realizou em Beja, no reinado de D. João III, a cunhagem dos ceitis de cobre.

«A fls. 124 do livro I do *Rezisto da camera*, acha-se transcripto o alvará para Ruy Lopes, conselheiro de el-rei e vedor da sua fazenda, poder fazer naquella cidade mil quintaes de cobre em ceitis comprados do seu dinheiro pela bitola e peso da cidade de Lisboa, mettendo para lavar a dita moeda até quarenta pessoas no anno de 1525.

Na mesma folha está a procuração que o sobre-dito Ruy Lopes deu a João Samorano para fazer a casa da moeda dos ceitis e abrir as minas de cobre e azougue em 1525, e o termo de juramento que a camara deferiu ao dito Samorano e ás pessoas que elle apresentou para trabalharem.

A fl. 127 do mesmo livro se lê o alvará para Duarte Lopes poder abrir cunhos para os ceitis que Ruy Lopes mandasse lavar nesta cidade e não para outra moeda. 1525.»

Já depois de composto este artigo encontrámos na Torre do Tombo outro documento, que lança nova luz sobre a materia, e que demonstra que a empresa monetaria de Ruy Lopes se espacejou bastante, porque

só sete annos depois dos documentos citados pelo *Bejense* e oito depois das cartas de privilegio é que elle era auctorizado a mandar fazer, em Lisboa ou em qualquer outra parte do reino, um *martinete* para lavramento do cobre. Eis aqui a interessante carta a este propósito:

«Dom Joam &c. faço saber a quantos esta minha carta virem que querendo eu fazer graça e merce a Ruy Llopez, do meu conselho e veador de minha casa, tenho por bem e me hapraz de lhe dar lugar, como de feito per esta dou, que elle posa mandar fazer nesta cidade, ou em quall quer outro lugar d'este reyno que quiser, hum *martinete* pera nelle se laurar cobre, e ey por bem que nenhũa outra pessoa posa mandar fazer outro allgum *martinete* pera laurar o dito cobre, sob pena de o perder pera o dito Ruy Llopez, e mando a todos meus corregedores, juizes, justiça, a que esta carta for mostrada e o conhecimento della pertencer, que inteiramente o cumprão e guardem como se nella conthem. Manoell de Moura ha fez em Lisboa a *xxbij* dias dagosto do anno do nascimento de nosso Senhor Ihũ Xpo de *j̃b^c xxx ij* annos, e ao pe da dita carta esta hũa postilla, que diz asy: o quall *martinete* ey por bem, por fazer merce ao dito Ruy Llopez, que fique a seus herdeiros e que elles ho tenham e que nenhũa outra pessoa o posa fazer pera laurar nelle o dito cobre, sob pena de ho perder pera o dito Ruy Llopez ou seus herdeiros. Manoel de Moura o fez em Lixboa a *xxbij* de setembro de *j̃b^c xxx ij*.»

(Torre do Tombo. Chanc. de D. João III, *Doações*, liv. 18, fol. 99.)

Nem no *Elucidario* de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo nem no *Diccionario* de Moraes encontrâmos a palavra *martinete* na significação de engenho para fabrico de moeda. Até pelo lado philologico tem valor o documento¹. Ao nosso amigo e illustre auctor da *Descrição das moedas* lembramos a conveniencia de inserir no ultimo volume da sua obra, tão ansiosamente esperado, um vocabulario tecnologico da especialidade.

SOUSA VITERBO.

¹ [Já que o Sr. Dr. Sousa Viterbo com todo o fundamento chama a attenção para o valor philologico do documento transcripto, juntarei aqui uma breve nota. A palavra *martinete* corresponde a franceza *martinet*, que se encontra sob a fórma *martinetus* no *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, de Du Cange. A palavra tambem existe em hespanhol: «*martinete* se llama el mazo que mueve el agua, para batir el cobre en los molinos fabricados á este fin: y tambien se llama assi el mismo molino», diz o *Diccion. de la leng. castellana*. O etymo está de certo num derivado do radical do lat. *martulus* «martellino». — J. L. DE V.]